



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Órgão do Partido Operário Revolucionário
Membro do Comitê de Enlace pela
Reconstrução da IV Internacional
Nº5/2026 - @massas.por
www.pormassas.org



MANIFESTO DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO (POR)

A EMANCIPAÇÃO DA MULHER SERÁ OBRA DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA

Organizar as mulheres trabalhadoras na luta contra toda forma de opressão e de discriminação

Responder à intervenção imperialista sobre as nações oprimidas e à opressão nacional e social sobre a maioria trabalhadora

Este 8 de Março ocorre quando os Estados Unidos e Israel acabam de bombardear o Irã e assassinar o dirigente da República Islâmica, Ali Khamenei, juntamente com mais de 40 líderes. Ataque que matou dezenas de meninas em uma escola, centenas de civis e já deixou milhares de feridos.

Este Dia Internacional da Mulher Trabalhadora está diante da intervenção dos Estados Unidos na Venezuela, do sequestro do presidente Nicolás Maduro, da ameaça de invasão à Cuba e à Groelândia.

Este 8 de Março acontece em meio a uma guerra na Ucrânia, que adentrou ao seu quinto ano. Guerra esta de total responsabilidade dos Estados Unidos e aliados europeus, que comandam a OTAN.

Está diante do genocídio do povo palestino e de uma paz dos cemitérios na Faixa de Gaza. Intervenção do Estado sionista de Israel que vem abalando o Oriente Médio.

Este 8 de Março, em particular, realiza-se quando a burguesia e seus governos no Brasil vêm impondo as contrarreformas e um salário mínimo de fome. Golpeiam a maioria dos trabalhadores, principalmente as mulheres pobres.

O Dia Internacional das Mulheres tem como tarefa se colocar em defesa da luta anti-imperialista, exigindo que as centrais, sindicatos e movimentos populares constituam a frente única anti-imperialista. Tarefa esta que tem como ponto de partida a defesa de um programa de reivindicações que unifica a maioria explorada.

Nestas manifestações, coloca-se um chamado às direções sindicais e populares que convoquem um Dia Nacional de Luta, com paralisação e manifestações de rua.

Neste 8 de Março, o POR denuncia a brutal violência sobre a mulher trabalhadora no Brasil e no mundo. Mostra que a opressão vem se agravando com a decomposição do capitalismo. Dados oficiais recentes apontam que, no Brasil, as mulheres continuam recebendo salários significativamente inferiores aos dos homens: em média, nos estabelecimentos com 100 ou mais empregados, as mulheres recebem cerca de 20% a menos que os homens, exercendo a mesma função.

As consequências da brutal contrarreforma trabalhista recaem, principalmente, sobre a maioria das mulheres operárias. É o que se passa com o avanço da informalidade, da terceirização e da precarização das condições de trabalho. Ao mesmo tempo, milhões de mulheres continuam enfrentando a dupla ou tripla jornada, quase sempre submetidas à escala 6x1. No caso de mulheres negras, essa desigualdade se agrava ainda mais: enfrentam discriminações salariais e ocupacionais que as colocam em posições ainda piores no mercado de trabalho.

No plano internacional, relatórios indicam que, embora a igualdade de direitos seja reconhecida formalmente em alguns países desenvolvidos, a aplicação efetiva dessas leis é limitada. Ou seja, as mulheres ainda enfrentam barreiras para se integrarem à produção social, ter assegurados direitos trabalhistas ple-

nos e proteção social efetiva. Basta observar que hoje somente 62% dos países cumprem as normas da Organização Internacional do Trabalho, que consistem em oferecer às mulheres pelo menos 14 semanas de licença de maternidade remunerada. Nos Estados Unidos, a potência hegemônica do mundo, não há uma lei federal que garanta a licença maternidade remunerada. A situação se agrava com a adoção de contrarreformas pelos governos do mundo todo.

Assim se passa em todo o mundo porque a opressão sofrida pelas mulheres é produto da opressão de classe. Opressão essa que reflete o capitalismo na fase imperialista em decomposição.

Essa distância entre direitos formais e realidade concreta revela que a opressão persiste como um problema estrutural. O capitalismo em crise vem retirando com a mão direita o dobro do que concedeu outora com a mão esquerda, exemplo disso é o direito ao aborto seguro e legal, que vem sendo eliminado, como na Polônia, em 2020, e em diversos estados norte-americanos, após 2022.

Os efeitos da crise econômica, as políticas de austeridade e os conflitos globais recaem com maior intensidade sobre as mulheres trabalhadoras. Guerras, inflação de alimentos, cortes em serviços públicos e a precarização dos sistemas de proteção social tornam a vida cotidiana insuportável, no qual as mulheres — muitas vezes chefes de família — têm de lidar com desemprego, subemprego, baixos salários e violência, em suas múltiplas formas. Um exemplo disso está na alta taxa de feminicídio no Brasil, que em 2025 foi de 4 mulheres assassinadas por dia.

A opressão da mulher é um fenômeno profundamente enraizado no modo de produção baseado na propriedade privada e na família enquanto célula econômica. As desigualdades salariais, as barreiras à participação plena no mercado de trabalho e a sobrecarga de tarefas domésticas são expressões concretas da exploração inerente ao sistema capitalista.

A revelação das leis históricas que determinam a situação de opressão sobre as mulheres, como manifestação particular da opressão de classe, tem conexão direta com a origem do 8 de Março — Dia Internacional de Luta da Mulher Trabalhadora. No final do século XIX e início do século XX, o crescimento acelerado das fábricas e das lutas grevistas colocou as mulheres operárias no centro das reivindicações por jornada de trabalho de oito horas, melhores condições laborais, proteção à maternidade e fim do trabalho noturno.

A II Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, realizada em 1910, sob a liderança de socialistas como Clara Zetkin, aprovou que todos os países realizassem jornadas de luta em defesa dos direitos das mulheres trabalhadoras. Essa decisão refletia uma estratégia de ação internacionalista contra a exploração e opressão sofridas pelas mulheres.

Na Rússia em 1917, o combate de operárias russas em greve por “pão e paz”, insurgindo-se contra a fome, a guerra e a exploração brutal, contribuiu para desencadear a Revolução de Fevereiro, que derrubou o czarismo e instalou a república burguesa. Foi com a Revolução Russa de outubro de 1917 que as mulheres obtiveram algumas importantes conquistas, entre elas o direito do trabalho igual, salário igual e as reivindicações que aliviavam a escravização sofrida na família. Em homenagem a essas mulheres proletárias, a Conferência de Mulheres Comunistas de 1921 consolidou o 8 de março como dia mundial unificado de luta das mulheres trabalhadoras.

Recuperar a origem operária e revolucionária do 8 de Março é uma necessidade política urgente. Essa data deve ser reafirmada não como uma celebração, nem com festividades. A dura realidade vivida pelas massas femininas indica que não há o que comemorar. O 8 de Março deve ser um ponto de partida para a unificação das lutas por empregos, salários e direitos, ligando o combate por essas reivindicações elementares com a luta anticapitalista e anti-imperialista.

O problema está na crise de direção revolucionária, que abarca o movimento de mulheres, profundamente fragmentado e orientado por correntes pequeno-burguesas, de caráter reformista e centrista. A ilusão nas instituições burguesas tem canalizado a luta para o campo das eleições, das negociações no Parlamento e das medidas judiciais.

Essa política conciliadora tem conduzido a sucessivas derrotas, a exemplo da aprovação das contrarreformas trabalhista, previdenciária e da Lei da Terceirização, que têm golpeado as condições de vida e de trabalho do conjunto dos trabalhadores, recaindo com particular violência sobre as mulheres.

A emancipação das mulheres trabalhadoras exige a organização do proletariado e demais trabalhadores no campo da independência de classe. A luta pelas reivindicações particulares das mulheres (creches, lavanderias e restaurantes coletivos, acesso ao aborto seguro e gratuito etc.) tem de fazer parte do programa da classe operária, que tem como estratégia o fim do capitalismo e a defesa de uma sociedade sem exploradores e sem explorados.

O POR defende que as direções do movimento sindical e estudantil convoquem um Dia Nacional de Luta, com paralisações e manifestações massivas de rua, em defesa das reivindicações elementares das massas, combinando essas bandeiras com a luta contra as guerras de dominação e contra a opressão imperialista.

Só com a organização coletiva, consciente e combativa, com o método da ação direta (greve, ocupações, bloqueio de avenidas etc.), será possível avançar na superação de todas as formas de opressão. A emancipação da mulher será obra da revolução proletária.

